



**ATOS DE FALA E ESTRATÉGIAS DE
DELICADEZA NO DESENVOLVIMENTO DA
COMPETÊNCIA PRAGMÁTICA DE ALUNOS
DE PORTUGUÊS LÍNGUA NÃO MATERNA
NO CONTEXTO DE ENSINO ALEMÃO**

Leda Lajewski

Carla Aurélia de Almeida

Leda Lajewski

Escola Hamburger Volkshochschule, Hamburgo, Alemanha

Carla Aurélia de Almeida

Departamento de Humanidades, Universidade Aberta, Lisboa, Portugal/Instituto de Sociologia da
Universidade do Porto

*Atos de Fala e Estratégias de Delicadeza no desenvolvimento da competência pragmática de alunos de
Português Língua Não Materna no contexto de ensino alemão*

*Speech Acts and Politeness Strategies in the development of pragmatic competence of portuguese as a Non-
Native Language students in the German teaching context*

Resumo: O presente trabalho reflete sobre as realizações de atos de fala e de estratégias de delicadeza a partir de um *corpus* composto por diálogos realizados por alunos de Português Língua Não Materna de níveis A1.2/A1.3 e B1/B2 em Hamburgo, Alemanha. O trabalho tem como objetivo observar o desenvolvimento da competência pragmática a partir da realização de atos de fala e estratégias de delicadeza produzidas pelos alunos de Português Língua Não Materna em interações desenvolvidas em diferentes contextos.

Palavras-chave: Atos de Fala, Delicadeza Linguística, Interação, Português Língua Não Materna

Abstract: The present paper focuses on the production of speech acts and politeness strategies based on a corpus composed of dialogues performed by Portuguese as a non-native language students of levels A1.2/A1.3 and B1/B2 in Hamburg, Germany. The work aims to observe the development of pragmatic competence from the realization of speech acts and politeness strategies produced by students of Portuguese as a Non-Native Language in interactions developed in different contexts.

Keywords: Speech Acts, Politeness, Interaction, Portuguese as a Non-Native Language

1. Introdução

O desenvolvimento da competência pragmática (Fraser, 2010) em Língua Não Materna é um dos principais objetivos dos aprendentes no decorrer de um curso de Língua. Deste modo, não só o domínio de estruturas sintático-semânticas e gramaticais é essencial, mas também a compreensão da interface entre estas estruturas e o processo de comunicação constitui um aspeto fundamental, relacionando a produção discursiva com fatores linguísticos e não linguísticos, ou seja, com os contextos discursivos estudados pela Pragmática Linguística.

Considerando que falar uma língua consiste em realizar atos de fala de acordo com determinadas regras para o uso de elementos linguísticos (Searle, 2017 [1969], p. 29), compreende-se a importância da produção e da compreensão dos atos de fala nas aulas de Língua Não Materna (doravante, PLNM) a partir da análise de uma série de situações quotidianas.

Com o objetivo de se estudar o desenvolvimento desta competência pragmática adquirida pelos alunos de Português Língua Não Materna, estudar-se-á a integração em sala de aula de atividades de aprendizagem que, na vertente da produção oral, promovem a interação verbal em diferentes contextos de uso e refletir-se-á de que modo estas atividades educativas na aula de PLNM permitem conscientizar e sensibilizar os alunos para a produção e a interpretação dos atos de fala em contexto e para o uso das estratégias de delicadeza a eles ligadas. Serão assim consideradas não só as estratégias de delicadeza positiva como forma de reforçar a valorização das faces do alocutário, mas também as estratégias de delicadeza negativa, elementos linguístico-discursivos de evitação das ameaças de face (positiva e negativa) do alocutário (Kerbrat-Orecchioni, 2005b). Deste modo, a reflexão, na aula de PLNM, sobre o emprego destas estratégias discursivas permite a consciencialização das ações linguísticas que promovem o "equilíbrio interacional" (Goffman, 2017 [1967]) das faces dos interactantes.

Deste modo, o presente texto tem por base um estudo de caso, pretendendo observar de que modo a realização de atividades educativas específicas promove o desenvolvimento da competência pragmática com base na produção de diálogos orais e também escritos realizados por alunos de PLNM dos níveis A1.2 e A1.3 e de B1 e B2 em Hamburgo, na Alemanha (Lajewski, 2021), estando esta abordagem pedagógico-didática consignada no Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas (2001, pp. 156-157). As produções discursivas em análise baseiam-se em atividades de escrita e de oralidade com a apresentação

aos alunos de diferentes cenários que exigem o reconhecimento do contexto e das estratégias de delicadeza. Estas atividades visam analisar e promover o conhecimento linguístico-discursivo que os alunos têm das sequências de atos de discurso adequadas aos contextos de uso, tendo em consideração os níveis de proficiência A1.2/ A1.3 e B1/B2. Como forma de comparação, as atividades aqui em análise também foram realizadas por falantes nativos (Lajewski, 2021, p. 51). No presente artigo, concentrar-nos-emos nas estratégias de aprendizagem que têm por base o desenvolvimento de produções orais ancoradas em contextos de interação apresentados pelo professor na aula de PLNM.

2. Enquadramento teórico: o estudo da dimensão acional da linguagem

2.1. Os atos ilocutórios em estudo

A Pragmática Linguística é a disciplina que trata do uso da língua pelos seus falantes dentro de um determinado contexto social (Sim-Sim, 1998, p.189), essencial para a compreensão das formas de agir e de interagir durante o processo comunicativo. Conhecer as regras e os princípios reguladores de uma língua em situação de uso é o objeto de estudo da Pragmática Linguística (Gouveia, 1996), essencial para a produção e compreensão dos atos de fala.

Os atos de fala são "o uso de um enunciado linguisticamente funcional, para realizar uma acção, como, por exemplo, prometer, avisar, informar, ordenar, etc., considerada apropriada às circunstâncias de uma situação particular" (Gouveia, 2008, p. 2). Visto que a comunicação é a capacidade de interpretar o sentido do que é dito através do reconhecimento da intenção comunicativa que ocorre nas sequências discursivas (Almeida, 2016, pp.19-24), é essencial abordar os atos de fala nas aulas de PLNM.

Os atos ilocutórios tratados neste estudo são os seguintes: i) atos expressivos como expressar votos, exprimir condolências, agradecer; ii) os atos híbridos "diretivos comissivos" de oferta e de convite (Almeida, 1998, p. 165) e iii) os atos diretivos de pedido (Almeida, 1998, p. 169). Os atos expressivos podem ser realizados a partir de expressões performativas, expressões exclamativas com adjetivos apreciadores ou com frases exclamativas com verbos psicológicos e estão ligados aos aspectos culturais e sociais; estes atos relacionam-se com os interesses dos falantes (Searle, 1979, p. 6). Os atos diretivos têm como objetivo ilocutório levar o interlocutor a realizar uma determinada acção; dependendo do tipo de relação social existente entre o locutor e o alocutário, estes atos podem ser realizados de modo mais ou

menos direto. Os atos híbridos de oferta e de convite são diretivos e comissivos: a direção comissiva remete para o conteúdo proposicional presente-futuro do estado de coisas, contendo uma dimensão de avaliação positiva sobre o conteúdo e levando o locutor a assumir um compromisso (Almeida, 1998, p. 165) e a dimensão diretiva reside "na circunstância de aqueles atos envolverem um apelo ao alocutário no sentido de este ratificar a intenção do locutor de os realizar/concretizar" (Almeida, 1998, p. 165), sendo acompanhados de sequências reativas de aceitação e de recusa que coocorrem com estratégias de delicadeza (Almeida, 1998, p. 171).

2.2. A Delicadeza Linguística

A delicadeza linguística, conceito associado à noção de *face* (Goffman, 2017), é compreendida, em sentido amplo, como um conjunto de regras sociais e de escolhas linguísticas dos interlocutores para manter o equilíbrio e/ou harmonia nas interações sociais. O objeto de estudo da delicadeza linguística tem por base os comportamentos socioverbais nas produções orais e escritas, ocorridas no decorrer do discurso. A este propósito, Brown & Levinson (1987), nos seus estudos sobre a delicadeza, referem que os interactantes têm dois tipos de face: a face positiva (como os interlocutores desejam ser vistos pelos outros, isto é, o seu narcisismo e a necessidade de o locutor ser bem-visto socialmente) e a face negativa (o território privado do "eu" que deve ser preservado). Há, portanto, certos atos (verbais e não verbais) que podem ameaçar tanto a face positiva quanto a face negativa dos interlocutores durante a interação: estamos perante Atos Ameaçadores de Face (AAF) ou "Face Threatening Acts" (FTA). A delicadeza surge, assim, como forma de regular e preservar as faces dos interlocutores no decorrer da interação e procura atenuar, através da evitação, atenuação e/ou reparação, possíveis riscos advindos da realização de um FTA. Observa-se que, ao realizar um FTA, o locutor tentará ao máximo minimizar ou atenuar efeitos negativos, fazendo uso de estratégias de delicadeza. Isto fará com que o risco de ameaça do FTA seja reduzido, obtendo-se o equilíbrio entre o desejo do locutor atingir um certo objetivo e a vontade de preservar a face do interlocutor. Kerbrat-Orecchioni (2005a) retoma esta tipologia de Brown e Levinson (1987) para salientar que a delicadeza linguística é essencial não só como forma de diminuir a intensidade dos atos ameaçadores, mas também como forma de valorizar a face dos interactantes. Introduce, assim, o termo FFA ("Face Flattering Acts") no modelo teórico de Brown & Levinson, para se referir a estratégias de

valorização da face do interactante, distinguindo as noções de estratégia de delicadeza negativa (que consiste em evitar a produção de um FTA ou a amenizá-lo) e de estratégia de delicadeza positiva (que consiste em realizar um FFA para com as faces do alocutário). Kerbrat-Orecchioni apresenta, ainda, quatro tipos de estratégias discursivas de delicadeza, sendo possível a relação entre eles: delicadeza negativa para com a face negativa; delicadeza negativa para com a face positiva; delicadeza positiva para com a face negativa; delicadeza positiva para com a face positiva. As práticas de delicadeza nas interações podem ser realizadas não só em contextos fixos e consensuais, como também podem ocorrer a partir de outros contextos diversificados, de tom mais polêmico, e resultam sempre da dinâmica da comunicação. Estas práticas discursivas dependem das relações de distanciamento e de poder que existem entre os interlocutores e que são desenvolvidas nas interações, podendo haver constantemente uma negociação de “lugares interacionais” (Kerbrat-Orecchioni, 2004, p. 16). As formas de tratamento (das mais simples às honoríficas) e os registros de língua relacionam-se com os fenômenos e os princípios de delicadeza, pois é através do uso verbal destes fenômenos discursivos que os interactantes revelam o respeito uns pelos outros.

2.3. Aquisição/aprendizagem de uma Língua Não Materna

A aquisição/aprendizagem da Língua Estrangeira "pode ser aprendida em espaços fisicamente muito distantes daqueles em que é falada e, conseqüentemente, com recurso, sobretudo, a ensino formal" (Leiria, 2004, p.4). O ensino da língua sucederá a partir de cursos ministrados por professores e com diversos recursos de apoio. Os processos de aprendizagem e de aquisição interagem e se complementam, pois a aprendizagem decorre de "níveis superiores de conscientização na apreensão do conhecimento" (Sim-Sim, 1998, p.29). O sucesso para uma boa interação está no estado de harmonia alcançado pelos interlocutores por conta do reconhecimento das intenções de comunicação do outro. Sendo assim, a competência pragmática é a chave para um bom desempenho na comunicação verbal. É preciso, ainda, que os interlocutores saibam interpretar as suas intenções, utilizar as formas de tratamento e "aspectos extralinguísticos e prosódicos", como a expressão facial, a postura, os gestos, como também "a entonação, ritmos e pausas no discurso", realizar pedidos, promessas, desejos através dos actos de fala (Sim-Sim, 1998, p. 186)".

Os alunos de uma Língua Não Materna precisam de atingir duas fases no desenvolvimento da competência pragmática: estabelecer representações do conhecimento pragmático e obter o controle sobre o processo da informação pragmática (Ferreira, 2016, p.

26). Este é um desafio dos aprendentes, já que precisam, primeiramente, de adquirir o conhecimento pragmático, o que leva um determinado tempo, e a controlar o uso de expressões específicas num contexto particular. Para o alcance de maior proficiência na Língua Não Materna, como é o caso da compreensão dos enunciados indiretos, os alunos têm que obter tanto "o conhecimento pragmático" quanto "a rapidez do processamento dos aspetos pragmáticos" (Ferreira, 2016, p. 26).

3. Metodologia

O presente trabalho foi realizado com dois grupos de alunos de Português do Brasil (PB) de níveis de proficiência A1.2/A1.3 e B1/B2, nos anos de 2019 e 2020, na cidade de Hamburgo, Alemanha, no período noturno em uma escola de línguas²⁹. A Ficha Sociolinguística administrada permitiu verificar que a maioria dos participantes é falante nativo da língua alemã, uma aluna tem como língua materna o italiano e um aluno o albanês. Todos já aprenderam uma Língua Não Materna e aprendem a língua portuguesa por gostarem da cultura e da língua e por quererem comunicar com familiares e amigos no Brasil. O tempo de aprendizagem varia entre um ano e dezanove anos. A maioria dos participantes tem contacto com brasileiros(as) no Brasil e na Alemanha, porém nem todos têm a oportunidade de falar Português em contextos fora da sala de aula. O tamanho dos grupos varia entre seis e onze participantes; estes possuem entre 30 e 76 anos. Visto que a realização da pesquisa ocorre sob a condição do anonimato por razões éticas, utilizaremos uma letra para o nome, seguida da indicação do nível de proficiência dos alunos que participam no curso. O procedimento de recolha dos dados teve por base uma autorização prévia dos estudantes e da escola de línguas para a execução e gravação dos diálogos que foram feitos e recolhidos em sala de aula (física e virtual). Para a recolha do *corpus*, utilizámos a transcrição ortográfica (Ramilo & Freitas, 2001; Almeida, 2012) e não fizemos qualquer correção gramatical.

Para analisar o desenvolvimento da competência pragmática dos alunos de Português Língua Não Materna através da realização de atos de fala e de estratégias de delicadeza no discurso oral, selecionamos para o *corpus* deste trabalho diálogos realizados em sala de aula, produzidos pelos próprios alunos. Estes foram informados sobre a finalidade dos diálogos e

²⁹ Os níveis de proficiência A1.2, B1 e B2 referem-se aos Níveis Comuns de Referência apresentados no documento do Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas (QECRL), que determina as capacidades linguísticas (orais, escritas, de compreensão e de produção) dos aprendentes de uma determinada língua estrangeira. O nível A1.3 refere-se a uma subdivisão do nível de proficiência A1 determinado, no entanto, pela Escola de Línguas do presente estudo.

todos os passos para a recolha foram esclarecidos. Os participantes escolheram os seus papéis nos diálogos (quem seria o vendedor e o comprador, por exemplo) e a duração da conversação foi previamente estabelecida. O tempo estipulado para a preparação e a decisão dos papéis que os alunos iriam assumir foi de cinco minutos e, para a conversação, foi de dois a 10 minutos. Não foi permitido o uso de intervenções alheias, de materiais didáticos, de celulares e de dicionários. Os participantes receberam as devidas instruções antes da realização dos diálogos com o objetivo de facilitar a compreensão da atividade pretendida como, por exemplo:

Diálogo a. Imagine que vai com um(a) amigo(a) a um restaurante no Brasil. Faça um pedido juntamente com o/a colega de acordo com os seguintes passos:

- cumprimentar;
- pedir o cardápio;
- fazer o pedido;
- pedir a conta;
- agradecer e despedir-se.

A escolha da produção oral acabou por constituir um desafio para os alunos de PLNМ no que diz respeito ao reconhecimento do contexto e da intenção dos falantes, além de exigir agilidade e espontaneidade ao interagir com o outro, uma vez que os estudantes em apreço estão pouco expostos ao contexto sociolinguístico de uso do Português fora do ambiente escolar (Lajewski, 2021, pp. 50-51).

Os diálogos em PB foram constituídos e adaptados de acordo com o nível de proficiência dos alunos e dando preferência a temas de circunstâncias quotidianas e já tratados em sala de aula: pedido, oferta, convite, parabenizar e dar os pêsames. Para analisar a capacidade dos falantes para diferenciar o contexto e para reconhecer a relação social estabelecida (fatores que exigem formas de tratamento e estratégias de delicadeza específicas), formulamos situações dirigidas a um(a) colega / amigo(a), a um(a) desconhecido(a) ou a um(a) professor(a). O objetivo, num primeiro momento, foi que os alunos reconhecessem a situação contextual e utilizassem atos ilocutórios e estratégias de delicadeza para a aceitação/recusa de convites, fazer um pedido, oferecer, lamentar e expressar um desejo. Num segundo momento, depois da recolha e transcrição ortográfica dos diálogos elaborados em sala de aula pelos alunos, tivemos como objetivo analisar e explicar o uso inadequado de lexemas e fazer uma reflexão conjunta com os estudantes sobre as escolhas que foram feitas

relacionando-as com a adequação ou não às situações específicas. O distanciamento social foi um ponto que mereceu maior esclarecimento e reflexão.

4. Objeto de estudo: análise do *corpus* de atos de discurso em interações verbais na aula de PLNM

4.1. O ato de pedido

Segundo Arim, o ato de pedido segue determinadas regras: (i) relação simétrica ou de subalternidade do locutor para com o alocutário; (ii) o pedido pode ser expresso de forma direta e também indireta; (iii) são usadas formas de delicadeza, como "se faz favor", "por favor", o imperfeito de cortesia, diminutivos e verbos modais (Arim, 2008, p. 1). As relações simétricas e assimétricas são decisivas para a escolha da forma de tratamento no PB: se há relações assimétricas, haverá o emprego da forma "senhor" por aquele que ocupa a posição inferior e aquele que se encontra em posição superior recorrerá ao pronome "você" (Silva, 2008, p. 161). No caso das relações simétricas, "haverá o emprego recíproco da forma 'você', sinalizando marcas de intimidade/familiaridade, ou o emprego recíproco da forma 'senhor', configurando relações marcadas pela deferência" (Silva, 2008, p. 161).

No primeiro cenário apresentado, "fazer compras", os participantes deveriam formular pedidos e atentar nas estratégias de delicadeza e no grau de formalidade, uma vez que se trata de uma situação assimétrica entre o comprador e o vendedor.

No caso do grupo A1.2/ A1.3, verificamos alguma dificuldade no uso das formas de tratamento formais em situação comercial: uma aluna (chamada de K, nível A1) que fez de compradora expressou da melhor forma o nível de distanciamento e o grau de formalidade com a forma de tratamento nominal "senhor" durante o diálogo. Nesse diálogo, houve um aluno que, fazendo de vendedor (N, nível A1), tendo optado predominantemente pelo emprego da segunda pessoa do singular com o "você", usou uma única vez a forma de tratamento nominal "senhora" de forma irônica por conta da tentativa de negociação que a colega desenvolveu: "Ah, senhora nós não temos happy hour aqui". Outro grupo A1.2/A1.3 do curso realizou o mesmo diálogo. A aluna G(A1) recorreu, logo no início, à forma de tratamento "senhora", porém a colega S(A1) continuou a conversação utilizando a segunda pessoa do singular como forma de tratamento, tornando-se a forma recorrente durante todo o diálogo. Verificamos que as formas de tratamento são um ponto importante a ser tratado em sala de aula, pois exprimem as relações sociais e são fundamentais para regular a relação interpessoal, já que o emprego inadequado do pronome de tratamento pode levar à ameaça da face do interlocutor. Com efeito, a forma de tratamento deve-se ajustar ao "destinatário e

à finalidade do acto discursivo" (Duarte, 2010, p. 41).

O grupo B2 realizou o diálogo sem fazer qualquer diferenciação de grau de distanciamento e de formalidade com o emprego de "você" nos dois papéis representados. Segundo Duarte (2011), a dificuldade dos alunos em selecionar as formas de tratamento adequadas às escolhas discursivas está relacionada com a competência lexical, ou seja, quanto maior for a exposição dos aprendentes a *inputs* linguísticos diversificados maior será o alargamento e aprofundamento dos conhecimentos do aluno na área lexical. O uso e reconhecimento dos pronomes de tratamento dependem da forma como a sociedade se organiza, sendo que o emprego de certos pronomes funciona como uma maneira de valorizar "as habilidades e realizações de seu interlocutor, empregando marcas de identidade que assinalam a proximidade" (Silva, 2008, p. 185). Desta forma, o uso preferencial do pronome "você" procura desfazer a diferença de estatuto social e salientar a igualdade e reciprocidade do tratamento entre os interlocutores (Duarte, 2011, p. 88). No entanto, é preciso reconhecer a importância da diferenciação simétrica e assimétrica ao empregar os pronomes de tratamento como forma de evitar a ameaça de face do interlocutor e conduzir os aprendentes a aplicá-los em situações que exigem sua adequação na interação.

Segundo Searle (2017 [1969]), as condições de felicidade dos atos de fala servem para realizar indiretamente os atos ilocutórios: o seu emprego consiste em indicar que uma condição essencial é satisfeita por meio de uma asserção ou fazendo uma pergunta relativamente às restantes condições. Assim, os pedidos podem ser realizados de forma indireta a partir de perguntas que estão orientadas para as condições que dizem respeito ao interlocutor. Apresentando uma clara dimensão negocial (Almeida, 1998, p. 168-169) e envolvendo uma dimensão volitiva que diz respeito aos dois participantes da interação verbal (Almeida, 1998, p. 168), no ato de pedido, o locutor demonstra a vontade de que o alocutário realize a ação futura Q e procura saber e/ ou negociar a disponibilidade do alocutário (Almeida, 1998, p. 168).

Assim, estes dois tipos de volição diferentes permitem não só caracterizar este ato de discurso, mas também explicar as suas estruturas gramaticais (Almeida, 1998, pp. 168-169). Deste modo, o locutor, ao formular pedidos indiretos, usa verbos como "gostar", no Condicional, em exemplos como "Gostaria que abrisse a janela" (Almeida, 1998, p. 169), ou no Pretérito Imperfeito, em enunciados como "Gostava que abrisse a janela". Estes usos indiretos com verbos "gostar" ou "querer" no Pretérito Imperfeito e no Condicional constituem estratégias discursivas de delicadeza negativa (de evitação da ameaça) que incidem, neste caso, nas dimensões volitivas do locutor expressas através de asserções, mas que

também podem incidir na interrogação da disponibilidade do alocutário como constatamos em exemplos como "Importavas-te de abrir a janela?".

Nos diálogos realizados pelos grupos A1.2/A1.3 e B2, observamos que os pedidos foram realizados com o uso dos verbos "gostar" e "querer", através de uma asserção que incide nos desejos do locutor, como podemos constatar com os exemplos (1) e (2):

(1) Diálogo (A1.2/ A1.3), participantes C(A1), G(A1): Imagine que está num restaurante no Brasil. Faça um pedido cumprindo com o cenário apresentado.

"C: Para eu pedir **gostaria** ähm ver o cardápio, por favor.

G: Sim.

C: Ähm como prato principal **gostaria** de tomar o peixe assado com batatas cozidas. Você tem hoje?

G: Não.

C: Ah.

G: Hoje não temos"

(2) Diálogo (B2), participantes B(B2), N(B2): Imagine que está no Brasil e quer comprar alguns presentes e algumas roupas para levar para sua família.

"N: Também. Com o que eu posso ajudar?

B: Ah, tá bom. É. Eu **quero** comprar muitos presentes para minha família que mora lá na Alemanha.

N: Tá, Ah, então. Você quer levar presentes pra Alemanha agora?

B: Sim, sim, eu tenho um grande família.

N: Oh, que bom.

B: Mas eu **quero** comprar chocolate, eu acho.

N: Chocolate, tá, tá.

B: Eu **quero** comprar o que você acha? Um vestido muito bonito, muito legal.

N: Tá, tá. Também temos feito aqui em Brasil, ähm, uns vestidos , ähm, estão pra lá. Você quer ver?"

Os diálogos são criados pelos alunos a partir da apresentação de cenários cotidianos e que são encenados em sala de aula. Como exigem maior conhecimento lexical, a maior parte dos diálogos que deveriam formular pedidos mais complexos, porque resultariam de situações mais controversas e de conflito potencial, devendo assim expressar um certo

incômodo dos interlocutores perante as situações criadas, foi realizada apenas pelos grupos B1/B2. Verificou-se um maior uso do pronome "você" como é habitual no PB numa situação de comunicação estabelecida entre interlocutores com uma relação simétrica característica de colegas de curso.

(3) Diálogo (B1), participantes V(B1), D(B1): Imagine que precisa de se concentrar nas leituras durante a aula de Português e seu colega não para de conversar. Peça para falar mais baixo.

V: Oh, D, por favor, eu não posso concentrar porque **você** está conversando com W. Por favor, um pouco mais ähm hum se es possível falar um pouco menos alto, por favor.

D: Desculpe eu não soube que **você** ähm que minha palavra com W stören, stören você. Eu quero [...] eu quero ähm falar um pouco alto.

V: Muito obrigado, querido. Está muito agradável para **você**."

Observamos, no exemplo (3), a formulação dos atos de pedido indiretos com o uso de pré-sequências - "por favor, eu não posso me concentrar". O uso de expressões como "por favor" constitui uma estratégia de delicadeza negativa que suaviza o pedido e minimiza a imposição de um ato ilocutório diretivo (Brown & Levinson, 1987). Nas reações, ocorre o emprego de estratégias de mitigação: o uso de atos de pedido de desculpa através do emprego do verbo performativo em "desculpe" constitui uma estratégia discursiva de delicadeza negativa de evitação da ameaça e uma forma de minimizar o dano causado, numa tentativa de estabelecer o equilíbrio ritual. O ato expressivo de agradecimento, "muito obrigado", como aceitação do pedido de desculpa, demonstra uma estratégia de delicadeza positiva, pois "o ofendido revela ao ofensor que ele considera como efetivamente reparado o dano que acaba de sofrer", aceitando a "reparação" e concedendo o "perdão" (Kerbrat-Orecchioni, 2005a, p. 149). Assim, o equilíbrio ritual na interação pode restabelecer-se.

4.2. Os atos de oferta

Para a realização dos atos de oferta, criamos cenários em que os participantes deveriam oferecer ajuda e oferecer comidas e bebidas. Atenemos na realização de um ato de oferta de ajuda:

(4) Diálogo (B1), participantes V(B1), K(B1): Imagine que trabalha no aeroporto e avista uma pessoa que parece precisar de ajuda. Ofereça ajuda e as devidas informações.

"V: Puxa, o **senhor**, hum. Eu (pausa) o meu nome é V. e eu trabalho aqui (risos) na aeroporto e talvez eu posso / ähm eu possa ähm ajudar **você**?"

K: Sim, **você** pode me acompanhar ähm (pausa) ähm a (pausa) depósito de bagagem?"

Observa-se que houve o emprego do grau de formalidade e distanciamento a partir da forma de tratamento nominal "senhor", que não permaneceu no decorrer do diálogo, ocorrendo também o emprego do pronome "você" em simultâneo com o emprego de "senhor", o que demonstra uma dificuldade dos aprendentes em selecionar a forma de tratamento adequada à relação social estabelecida entre os interactantes. O ato de oferta é realizado a partir de uma frase hipotética com o uso de "talvez" e o Presente do Subjuntivo, que constitui um uso frequente em enunciados interrogativos, ligados a enunciados condicionais (explícitos e implícitos) e remetem para a dimensão volitiva do alocutário: "se assim quiser /se assim desejar" (Almeida, 1998). Os enunciados condicionais denotam maior grau de delicadeza e comportam um sentido convencional (Almeida, 1998), neste caso, a participante V(B1) percebe as dificuldades do seu interlocutor K(B1) e utiliza uma oração condicional implícita para atenuar uma possível ameaça à face negativa do alocutário: "como conheço o aeroporto, posso ajudar (se assim o desejar)?" A oferta é seguida de aceitação imediata: "K: Sim, você pode me acompanhar ähm (pausa) ähm a (pausa) depósito de bagagem?".

Verificamos também que os alunos realizam atos de oferta espontaneamente em situação comercial de atendimento ao público, expressando-os através de enunciados interrogativos que incidem em aspectos relacionados com a percepção por parte do locutor de "dificuldades" ou de "carências" que o alocutário manifesta:

(5) Diálogo (A1.2/ A1.3), participantes G(A1), S(A1): Imagine que está no Brasil e quer comprar alguns presentes e algumas roupas para levar para sua família.

"S: Bom dia, posso ajudar?"

G: Desculpe? (aluna não entende a pergunta)

S: Posso ajudar? Ajuda, ajuda, posso ajudar?"

(6) Diálogo (B2), participantes B(B2), N(B2): Imagine que está no Brasil e quer comprar alguns presentes e algumas roupas para levar para sua família.

"N: Com o que eu posso ajudar?"

B: Ah, tá bom. É. Eu quero comprar muitos presentes para minha família que mora

lá na Alemanha"

Os alunos de PLNM, em situação de compra comercial de um serviço, realizam também atos de pedido com a produção de sequências inseridas que visam a negociação do preço do produto através de atos de oferta/proposta de um preço melhor. Atentemos, então, neste diálogo realizado por alunos do nível A 1.2. e A 1.3.:

(7) Diálogo (A1.2/A1.3), participantes N(A1), K(A1): Imagine que está no Brasil e quer comprar alguns presentes e algumas roupas para levar para sua família.

"K1: Mas quero saber se ähm levo as duas camisetas ähm de reduzir um pouco o preço ähm.

N1: Ähm

K2: Dois ou três camisetas pra precio de duas, de duas camisetas.

N2: Ah, senhora nós não temos happy hour.

K3: Oh (surpresa)!

N3: Mas, mas quando você você compra as duas camisetas e o vestido...

K4: Uhum

N4: Eu vou procurar procurar procura um preço muito bom.

K5: Okay, okay. Quanto custa todas as duas, as duas ähm camisetas e um vestido azul?

N5: Sim, ähm olha, ähm uma camiseta custa ähm 100 reais, ähm, o vestido custa ähm 80 reais. Só duas 80 reais e pra você ähm duzentos e três.

K6: 200? E... duzentos duzentos e ...

N6: Três, sim.

K7: Ah, okay, okay. Vou levar todo"

O participante N realiza sequências inseridas a partir de uma proposta do estudante K (o aluno que faz o papel de comprador) que acaba por aceitar a oferta/proposta: assim, K(A1) só levará as duas camisetas se houver redução do preço, N(A1) hesita, sem dar uma resposta concreta, o que faz com que K(A1) faça uma proposta (três camisetas pelo preço de duas). N(A1) que faz o papel de vendedor reage com uma asserção que ameaça a face positiva do alocutário: "Ah, senhora nós não temos happy hour"(N2). Mas este último interveniente retoma a proposta de negociação e expande a oferta com um preço melhor na compra de duas camisetas e um vestido (N4 e N5). K(A1) pergunta pelo preço para se certificar se obteve sucesso na negociação na sua quinta vez de elocução (K5). N(A1) retoma a oferta (em N6) e K(A1) aceita a proposta, alcançando o objetivo da negociação da compra.

O desfecho com a aceitação da proposta só foi possível depois da realização de sequências inseridas que "preparam o desenvolvimento adequado do acto" (Almeida, 1998, p. 194). Este diálogo elaborado pelos estudantes demonstra que estão atentos ao carácter negocial da interação verbal e que são conhecedores de estratégias de persuasão que fazem parte de uma competência pragmática dos interlocutores.

Verifica-se ainda que, quando são solicitados para realizar sequências de oferta-recusa, os alunos demonstram não só conhecer modos de realização indireta de atos de oferta, mas também revelam conhecer as sequências que a recusa abre, expressando atos de agradecimento que suavizam a recusa e produzindo sequências de justificação que "permitem ao alocutário da oferta evitar a perda da face positiva do locutor, constituindo uma delicadeza negativa para com a face positiva deste último" (Almeida, 1998, p. 33).

Observemos o seguinte exemplo:

(8) Diálogo (B1), participantes V(B1), D(B1): Imagine que fez uma festa de aniversário e trouxe um bolo, salgadinhos, doces e bebidas para todos os colegas de trabalho. Ofereça os pratos e bebidas a eles. O colega deve agradecer e aceitar ou recusar as comidas e bebidas.

"V: Foi uma festa muito grande com a família e com os amigos e amigas e com muito coisas para comer e beber. E hoje eu tenho algumas coisas para vocês também. Ähm bolos.

D: **Muito obrigado.** Mas eu não pode comer, ähm, bolo hoje **porque** eu eu sou a dieta"

Os exemplos em análise demonstram que os alunos de PLNМ realizam indiretamente atos de oferta através de enunciados interrogativos, condicionais e por meio de atos literais de asserção, demonstrando também conhecer e compreender que os pares de oferta-recusa e de oferta-aceitação abrem outras sequências discursivas que precisam de ser trabalhadas e aprofundadas: o primeiro par permite o aprofundamento dos agradecimentos e das justificações e o segundo par possibilita o treino das sequências inseridas para que o oferta seja reforçada e aceite.

4.3. Atos de convite

Em situações informais, o ato de convite, geralmente, é realizado de forma indireta. Em situações formais e em comunicação escrita, o uso do verbo "convidar" como performativo explícito é comum (Almeida, 1998, pp. 208-209). O uso do verbo "convidar"

pode também ocorrer em enunciados assertivos com um conteúdo proposicional que incide nos desejos do locutor do ato de convite (Almeida, 1998, p. 210). Vejamos os exemplos:

(9) Diálogo 5 (A1.2 / A1.3), participantes K(A1), S(A1): Imagine que vai comemorar seu aniversário e quer fazer uma festa. Convide seus amigos e suas amigas do curso de português para participar.

"K: Bom dia S

S: Bom dia K. Tudo bem?

K: Sim, tudo bem. Obrigada. Vou fazer a festa a próxima semana porque é meu aniversário e **quero convidar-te** ähm na minha casa. Tem tempo próxima semana?

S: Você tem aniversário?

K: Sim, sim.

S: Maravilha!

K: Sim e **quero convidar-te** a minha festa.

S: Ah, muito obrigada!

K: Pode vir na minha casa?

S: Sim, sim. Eu tenho tempo.

K: Ah maravilhoso.

S: Próxima semana.

K: Sim, a próxima semana. Estou muito feliz que você pode vir na minha casa. Tchau.

S: Também, muito obrigada. Tchau."

Observa-se nesta sequência que os participantes interagem, utilizando devidamente o distanciamento e o grau de formalidade, já que se trata de uma relação amistosa. O ato de convite é realizado a partir do verbo "convidar" e reforçado com o verbo "querer", apresentando a dimensão volitiva de desejo do locutor do ato de convite. Em seguida, realiza um enunciado interrogativo com valor literal de pergunta como forma de verificar a disponibilidade do alocutário para a aceitação/ratificação do convite. S(A1) reage com um enunciado interrogativo, certificando-se do motivo do convite e, de seguida, utiliza um ato expressivo ("Maravilha!") como estratégia de delicadeza positiva para com a face positiva do locutor. Como não há resposta imediata, o convite é reforçado e é seguido de um agradecimento que, segundo Almeida (1998), mostra apreço por aquele que convida e também pelo objeto do convite (o aniversário). O par convite-aceitação ocorre de forma

implícita a partir do agradecimento. O locutor K(A1) agradece a aceitação do convite com um ato expressivo de elogio ("Ah maravilhoso") e S repete o agradecimento. Há um duplo movimento de agradecimento no ato de convite: "de um lado, o L2 agradece o convite; do outro, o L1 agradece o facto de o seu convite ter sido aceite" (Almeida, 1998, p. 212).

No exemplo seguinte, o aluno deveria convidar a professora para uma festa de aniversário. A realização do convite ocorreu com a tentativa do uso do verbo "convidar" com o pronome oblíquo "lhe", considerando o grau de formalidade e distanciamento. No entanto, a aluna K(A1) (no papel de professora) usa o pronome "você":

(10) Diálogo 6 (A1.2/A1.3), participantes C(A1), K(A1): Imagine que vai comemorar seu aniversário e quer fazer uma festa. Convide sua professora de português para participar.

"C: É meu aniversário semana próxima.

K: Ah, puxa. Que linda, maravilhosa. Em que dia?

C: A terceira feira. E **gostaria** de invitar-lhe ...

K: A **você**.

C: A **você** a festa de aniversário"

O ato de convite é realizado com o verbo "gostar" conjugado no condicional, incidindo na dimensão volitiva e contribuindo para a manutenção da delicadeza. A participante K(A1) reage com surpresa e agradece utilizando dois atos expressivos, manifestando uma estratégia de delicadeza positiva para com a face positiva do alocutário. Em seguida, o alocutário, após receber o ato de convite, reage com uma pergunta que "inicia uma sequência inserida", referindo-se "às circunstâncias de realização desse acto" (Almeida, 1998, p. 214) que devem ser primeiramente definidas para que haja a aceitação do convite. Observemos, então, a continuação do diálogo seis:

(11) Diálogo 6 (A1.2/A1.3), participantes C(A1), K(A1): Imagine que vai comemorar seu aniversário e quer fazer uma festa. Convide sua professora de português para participar.

"C: A festa começa, começa às oito horas

K: Às oito?

C: da noite.

K: Puxa, tenho que trabalhar às 8. É possível de vir um pouco mais tarde?

C: Sim, sim. Não problema"

Vemos aqui uma "dimensão de contrato" (Almeida, 1998, p. 215) com o alocutário, levando locutor e alocutário a um acordo acerca de uma ação futura satisfatória para os membros da interação. A aceitação do convite ocorre após uma justificativa e o pedido da convidada para chegar depois do horário determinado. Este é um exemplo de realização de uma sequência inserida que prepara a aceitação do convite.

Atentemos agora na realização de atos de convite por parte do grupo B1:

(12) Diálogo (B1), participantes D(B1), T(B1): Está passando um filme brasileiro no cinema alemão. Convide seu amigo com quem pratica TANDEM para ir com você.

"D: Ah (pausa), há um filme hä hä para vita brasileira na cinema Lurup. Você (kommen) você vem? Comigo? É filme, é sobre ähm muitas, sobre pessoas que fazem um compô por (für) por segurança na vida porque vida brasileira é muito perigosa. Muito interessante...o filme"

O locutor concebe o ato de convite realizado através de um enunciado interrogativo que coocorre com asserções avaliativas que procuram convencer o alocutário a acompanhá-lo. O participante T(B1) agradece ao convite como forma de declarar apreço e valorizá-lo:

(13) Diálogo (B1), participantes D(B1), T(B1): Está passando um filme brasileiro no cinema alemão. Convide seu amigo com quem pratica TANDEM para ir com você.

"T: Ähm, ähm, obrigado para convida. ähm, ähm o filme é muito interessante para mim porque eu me interesse muito nas pessoas brasileiras.

D: Isso eu sei.

T: E o, a situação política no Brasil me interesse muito.

D: Mas?

T: Eu ähm, eu ähm tenho pouco tempo por ir ähm, ähm, no cinema

D: Às duas horas

T: Eu ähm não tem de ver na minha calendário ähm ähm que eu tenho eu tenho tempo.

D: No filme passa na sexta-feira.

T: sexta-feira?

D: Próxima sexta-feira. Você tem tempo?

T: Ähm, ähm, sim, sim

D: Eu espero.

T: Sim, sim.

D: Sim, sim. Muito bom."

A tentativa de recusa do convite a partir do minimizador "pouco" (Almeida, 1998, p. 212) não é reconhecida. O convite é reforçado de forma indireta através de um enunciado interrogativo, levando a um acordo entre locutor e alocutário e à aceitação. O participante D(B1) agradece a aceitação do convite com o uso de atos expressivos de agradecimento como estratégia de delicadeza positiva para com a face positiva do alocutário. No entanto, o participante D(B1) realiza, mais tarde, um pedido indireto através de um ato literal de asserção que pode ser uma ameaça da face positiva do alocutário: "Mas você paga mesmo, né?". O ato de convite é "um acto em benefício do alocutário" (Almeida, 1998, p. 211). Por isso, este locutor não corresponde às expectativas do alocutário: "quem convida fica no dever de mais tarde responder às expectativas do convidado, respeitando as normas sociais que o levam a assumir o estatuto de 'servidor' daquele que aceita o convite e fica no dever de realizar ofertas em benefício do alocutário" (Almeida, 1998, p. 215).

4.4. Atos expressivos

Para a análise dos atos expressivos, selecionamos as seguintes situações: parabenizar (PB), dar os pêsames, agradecer. Um dos atos expressivos recorrente nos diálogos é o ato de agradecimento. Segundo Kerbrat-Orecchioni, o ato de agradecimento é um "ato pelo qual um locutor acusa recebimento de um 'presente' qualquer, testemunhando seu reconhecimento ao responsável por este presente" (Kerbrat-Orecchioni, 2005a, p. 140). Vejamos um exemplo de interação em que o ato ocorreu:

(14) Diálogo (B1), participantes V(B1), D(B1): Imagine que fez aniversário e trouxe um bolo, salgadinhos, doces e bebidas para todos os colegas de trabalho. Ofereça os pratos e bebidas a eles. O colega deve parabenizar, agradecer, aceitar ou recusar as comidas e bebidas.

"D: Oh, V, parabéns por você!

V: Oh, obrigada querido D"

Como vimos anteriormente, os alunos, regularmente, realizam atos de agradecimento depois da aceitação de ofertas/convites/propostas. Com estes atos de agradecimento, o locutor reconhece a ação benevolente do alocutário e o "presente" que lhe é oferecido. Verificamos também que, em situações de compra e venda, há o uso do ato de agradecimento tanto nos diálogos do curso A1.2/A1.3 quanto B1/B2. O ato de agradecimento ocorre também com a forma reforçada pelo uso do intensificador "muito":

(15) Diálogo (A1.2/1.3), participantes K(A1)/ N(A1): Imagine que está no Brasil e

quer comprar alguns presentes e algumas roupas para levar para sua família.

"K: Ah, okay, okay. Vou levar todo.

N: Tá bom (risos)

K: E muito bem. E muito obrigado, senhor

N: Obrigado você"

(16) Diálogo (B2), participantes B(B2), N(B2): Imagine que está no Brasil e quer comprar alguns presentes e algumas roupas para levar para sua família.

"B: Pode pagar com cartão de crédito?

N: Ah, cartão com crédito, ouviu, ouviu. Tá?

B: É legal, mas eu tenho um cartão internacionais

N: Está bem, tá bom

B: Ah, sim. Aqui?

N: Aqui é. Muito obrigada. Então ähm, ähm, um bom viagem.

B: Muito obrigada."

Os atos de agradecimento ocorreram sempre no fechamento da interação em diálogos que envolvem uma "relação comercial" (Kerbrat-Orecchioni, 2005a, p. 156). Este tipo de relação é considerada como "mutuamente devedora", em que ambas as partes são beneficiadas no final da negociação, ainda que o principal beneficiado seja o comerciante. Vemos também que o agradecimento dos alunos que fazem de vendedores são produzidos em retribuição (Kerbrat-Orecchioni, 2005a, p. 156) e constitui um comportamento que está ligado às convenções sociais.

Em todas as interações que envolveram os atos de convite, houve o uso do ato de agradecimento realizado de forma direta e reforçado pelo intensificador "muito":

(17) "K: Sim e quero convidar-te a minha festa / S: Ah, muito obrigada!" /"T: Obrigada para convite".

O autor do convite também pode agradecer a aceitação do convite, retribuindo assim com um agradecimento e surgindo um movimento inverso na troca do agradecimento na interação: presente (A)/ aceitação (B)/ agradecimento (A) / agradecimento (B):

(18) Diálogo: (A1.2/A1.3), participantes N1(A1), Professora: Convide seu professor para jantar na sua casa com a família.

"N: Muito bom. É. Você quer comer com minha família hoje na tarde?

P: Hoje, ah, olha que legal. Sim, por que não?

N: Ah, obrigada.

P: Muito obrigada pelo convite"

Os agradecimentos foram, ainda, realizados em exemplos que envolvem felicitações e condolências e constituem estratégias discursivas de delicadeza positiva, pois estamos perante um "FFA que reage a um FFA precedente" (Kerbrat-Orecchioni, 2005a, p. 150).

Observemos o seguinte exemplo:

(19) Diálogo (A1.2/A1.3), participantes S(A1), K(A1): Seu chefe / sua chefe faz aniversário. Dê-lhe os parabéns.

"S: Feliz aniversário!

K: Muito obrigada.

S: Tudo de bom e muito saúde.

K: Oh, muito obrigada. Preciso muito a saúde (risos)"

(20) Diálogo (A1.2/A1.3), participantes N(A1), K(A1): O amigo de um colega de classe faleceu. Ele conta o que ocorreu e diz estar muito triste com a situação. Demonstre os pêsames e tente confortá-lo.

"N: É sim, que pena.

K: Muito obrigado pelos pêsames. E estou feliz que tu sentes comigo e toda família. Muito obrigada.

N: Obrigada você, tchau"

No caso do cenário em que teriam que encenar situações de pesar e usar os atos expressivos, percebemos que há uma certa dificuldade dos participantes, já que são pouco confrontados com tal situação em língua não materna. O ato expressivo de condolências mostra a solidariedade para com alguém que foi vítima de uma situação desagradável e dolorosa (Palrilha, 2009). O falante compartilha com o destinatário a sua dor e tenta, por sua vez, abrandá-la:

(21) Diálogo (A1.2/A1.3), participantes N(A1), K(A1): O amigo de um colega de classe faleceu. Ele conta o que ocorreu e diz estar muito triste com a situação. Demonstre os pêsames e tente confortá-lo.

"N: Oi K, tudo bem?"

K: Não, não, não estou bem, porque um amigo meu ähm foi morto / fui morto
(pausa) morreu antes uma semana.

N: Oh"

A resposta com uma asserção com conteúdo axiológico negativo ameaça a face negativa (o território privado) do locutor. Este tipo de resposta é classificada como marcada ou não preferida, em que só ocorrerá se houver razões, como no exemplo, "sendo que a mais frequente dessas razões é o desejo de contar suas mazelas a outrem" (Kerbrat-Orecchioni, 2005a: 131). Observemos agora este outro exemplo:

(22) Diálogo (B2), participantes D(B2), N(B2): O amigo de um colega de classe faleceu. Ele conta o que ocorreu e diz estar muito triste com a situação. Demonstre os pêsames e tente confortá-lo.

"N: Oi, tudo bem?"

D: Sim.

N: Sim? Mas a sua cara fica um pouco triste.

D: Sim. Você lembra do meu amigo João?

N: João, ah sim.

D: Sim? Lamentavelmente ele faleceu

N: Ai, no"

Observamos que o ato de condolência é expresso, nos dois exemplos, por meio de expressões performativas que buscam confortar o locutor e abrandar sua dor. No fim da interação, a participante do grupo A1.2 /A1.3 agradece ao colega pelos pêsames como estratégia de delicadeza positiva para com a face positiva do locutor: "Muito obrigada pelos pêsames". Verificamos ainda que no grupo B2, os alunos realizam também, nestes casos, atos de oferta e de agradecimento, demonstrando conhecer bem as estratégias de delicadeza positiva para com a face positiva do alocutário.

Nos cenários em que deveriam parabenizar o colega pelo aniversário e por ter uma vaga de emprego, observamos o considerável uso dos atos expressivos. O ato de congratulação "consiste na expressão de satisfação pelo desfecho de uma situação e realiza-se através da felicitação do outro" (Palrilha, 2009, p. 41). Vejamos os exemplos:

(23) Diálogo (A1.2/A1.3), participantes K(A1), S(A1): Seu colega de trabalho faz aniversário. Dê-lhe os parabéns.

"S: Olá N, feliz aniversário pra você.

N: Obrigado, obrigado. Tudo bem?"

(24) Diálogo (A1.2/A1.3), participantes K(A1), S(A1): Seu chefe / sua chefe faz aniversário. Dê-lhe os parabéns.

"S: Oi K.

K: Oi S.

S: Feliz aniversário.

K: Muito obrigada.

S: Tudo de bom e muito saúde.

K: Oh, muito obrigada. Preciso muito a saúde (risos)

S: Sim, sim. **Você** tem um plano de celebrar?"

Nos níveis A1.2/A1.3 e B1 o uso do ato expressivo de parabenizar foi realizado com sucesso, além de proferirem votos, convencionalmente expressos em tais ocasiões e tratados em sala de aula. No último exemplo, verificamos, no entanto, a ocorrência do pronome "você", embora os parabéns sejam dirigidos à chefe, demonstrando que os participantes não atentaram no grau de formalidade que a interação exigia. Observamos também que o ato expressivo mais utilizado foi o ato de agradecimento, sendo que os grupos A1.2/A1.3, em geral, utilizaram o maior número de atos expressivos.

5. Conclusão

Apesar do presente trabalho dispor de um *corpus* restrito, observamos que os alunos de todos os níveis realizaram atos de fala, principalmente atos expressivos e atos de convite de forma direta e indireta. Os alunos, tanto nos papéis de locutor quanto de alocutário, empregaram estratégias de delicadeza positiva e de delicadeza negativa.

Os participantes dos diferentes níveis não dominam a distinção entre o contexto formal e informal, assim como a identificação do grau de formalidade e distanciamento, embora tenha havido algumas tentativas. Houve o uso constante do pronome "você" nas produções orais, o que mostra a necessidade do alargamento da competência lexical dos alunos no contexto de aprendizagem como forma de adequar apropriadamente as formas de tratamento às diversas situações de comunicação. Assim, terão a oportunidade de reagir a cada situação de acordo com as normas sociais e culturais exigidas no português padrão e informal, pois a função da escola e do professor é "a de assegurar uma educação linguística

da variedade padrão, a mais prestigiada e também designada de culta; entretanto, sem estigmatizar as variedades linguísticas presentes na sociedade" (Osório & Martins, 2019, p. 124).

Em relação ao nível de proficiência, concluímos que predominam as manifestações de estruturas frásicas e gramaticais simples com o uso do verbo no Indicativo nos grupos dos níveis A1.2/A1.3 e B1/B2. Não observamos, no entanto, o aumento de proficiência nos níveis B1/B2 em relação ao uso de estratégias de delicadeza no decorrer dos atos de fala. O trabalho de dramatização de situações quotidianas nas aulas de Português Língua Não Materna é uma considerável oportunidade para observar as expressões de delicadeza e de atos de fala adquiridos, permitindo o trabalho das sequências discursivas e a detecção das dificuldades que os alunos têm em reconhecer e utilizar as formas de tratamento, a expressão da delicadeza e as sequências específicas nos diversos contextos. O discurso sutil e delicado necessita de mais tempo para se estabelecer (Sim-Sim, 1998), principalmente quando a imersão linguística só ocorre poucas vezes em sala de aula. Isto só será possível com o aprimoramento do conhecimento pragmático e o trabalho do professor em sensibilizar e conscientizar os alunos da necessidade do uso das delicadezas linguísticas nas interações em Português Língua Não Materna.

Referências

- Almeida, C. A. (1998). O acto ilocuto^orio de oferta em português. In J. Fonseca (Ed.), *A organização^o e o funcionamento dos discursos. Estudos sobre o Português* (pp. 157-221). Porto Editora.
- Almeida, C. A. (2012). *A Construção da ordem interaccional na rádio. Contributos para uma análise linguística do discurso em interações verbais*. Afrontamento (Biblioteca das Ciências Sociais/Plural).
- Almeida, C. A. (2016). "Conselho de amigo, aviso do céu": contributos para a análise semântico-pragmática dos actos ilocutórios de conselho e de aviso em confronto com o de ameaça. *Revista da Associação Portuguesa de Linguística*, 2, 1-29.
- Arim, E. (2008). Análise de actos ilocuto^orios directivos: o pedido e a ordem. In M. H. M. Mateus et. al (Ed.), *Diversidade Linguística na Escola Portuguesa* (pp. 1-12). Fundação Calouste Gulbenkian. http://www.iltec.pt/divling/_pdfs/cd2_actos-ilocutorios_analise.pdf
- Brown, P. & Levinson, S. (1987). *Politeness: some universals in language usage*. Cambridge University Press.
- Conselho da Europa (2001). *Quadro Europeu comum de referência para as línguas – Aprendizagem, ensino, avaliação*. Edições ASA.

- Duarte, I. M. (2010). Formas de tratamento: item gramatical no ensino do Português Língua Materna. In A. M. Brito (Ed.), *Gramática: história, teorias, aplicações* (pp. 133-146). Universidade do Porto, Faculdade de Letras.
- Duarte, I. M. (2011). Formas de tratamento em português: entre léxico e discurso. *Matraga*, 18 (n°28), 84-101.
- Ferreira, S. M. C. (2016). *Português Língua de Herança no contexto plurilingue na Finlândia: aspetos de aquisição/aprendizagem da competência pragmática e expressão de delicadeza*. [Dissertação de Mestrado]. Universidade Aberta. https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/5596/1/TMPLNM_SandraFerreira.pdf
- Fraser, B. (2010). Pragmatic Competence: the case of hedging. In G. Kaltenböck, W. Mihatsch & S. Schneider (eds) *New Approaches to Hedging* (pp. 15-34). Emerald Group Publishing Limited (Coleção: Studies in Pragmatics).
- Goffman, E. (2017) [1967]. *Interaktionsrituale. Über Verhalten in direkter Kommunikation*. Suhrkamp Taschenburg Verlag.
- Gouveia, C. (1996). Pragmática. In I. H. Faria, E. R. Pedro, I. Duarte, & C. Gouveia (Org.), *Introdução à Linguística Geral Portuguesa* (pp. 383-419). Editorial Caminho.
- Gouveia, C. (2008). Actos de Fala. Quadro Geral. In M. H. A. Mateus et al. (Ed.) *Diversidade Linguística na Escola Portuguesa*. (pp. 1-12). Fundação Calouste Gulbenkian. http://www.iltec.pt/divling/_pdfs/cd2_actos-ilocutorios_quadro-geral.pdf
- Kerbrat-Orecchioni, C. (2004). Introducing polylogue. *Journal of pragmatics*, 36 (1), 1-24.
- Kerbrat-Orecchioni, C. (2005a). *Os atos de Linguagem no Discurso*. Editora da Universidade Federal Fluminense.
- Kerbrat-Orecchioni, C. (2005b). *Le discours en interaction*. Armand Colin.
- Kerbrat-Orecchioni, C. (2006). *Análise da conversação. Princípios e métodos*. Parábola.
- Lajewski, L. (2021) *Atos de Fala e Estratégias de Delicadeza no desenvolvimento da competência pragmática de alunos de Português Língua Não Materna no contexto de ensino alemão*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Aberta]. Repositório Aberto da Universidade Aberta. <http://hdl.handle.net/10400.2/11008>
- Leiria, I. (2004). Português língua segunda e língua estrangeira: investigação e ensino. *Idiomático*, (3), 1-11. <http://cvc.instituto-camoes.pt/idiomatico/03/portuguesLSeLE.pdf>.
- Osório, P. & Martins, J. (2019). Sociolinguística e ensino de línguas: teorias e enquadramento epistemológicos. *Confluência*, 56, pp. 115-132.
- Palrilha, S. M. R. (2009). *Contributos para a análise dos actos ilocutivos expressivos em português*. [Dissertação de Mestrado, Universidade de Coimbra].

<https://www.uc.pt/uid/celga/recursosonline/dissertacoes/dissertacoesdemestrado/silveriamariaramospalrilha>

Ramilo, M. C. & Freitas, T. (2001). Transcrição ortográfica de textos orais: problemas e perspectivas. In I. M. Duarte, J. Barbosa & S. Matos, *Encontro Comemorativo dos 25 anos do Centro de Linguística da Universidade do Porto* (Vol. 2, pp. 55-67). Centro de Linguística da Universidade do Porto.

Searle, J. R. (1979). *Expression and Meaning. Studies in the Theory of Speech Acts*. Cambridge University Press

Searle, J. R. (2017) [1969]. *Actos de habla. Ensayo de filosofía del lenguaje* (9 ed.). Cátedra.

Silva, L. A. (2008). Cortesia e formas de tratamento. In D. Preti (Ed.). *Cortesia Verbal* (v. 9, pp. 157-192). Editora Humanitas.

Sim-Sim, I. (1998). *Desenvolvimento da Linguagem*. Universidade Aberta.